

Arq. Elieser Cesar
Arq. Lygia Conceição

Perfil

Arquiteta número um

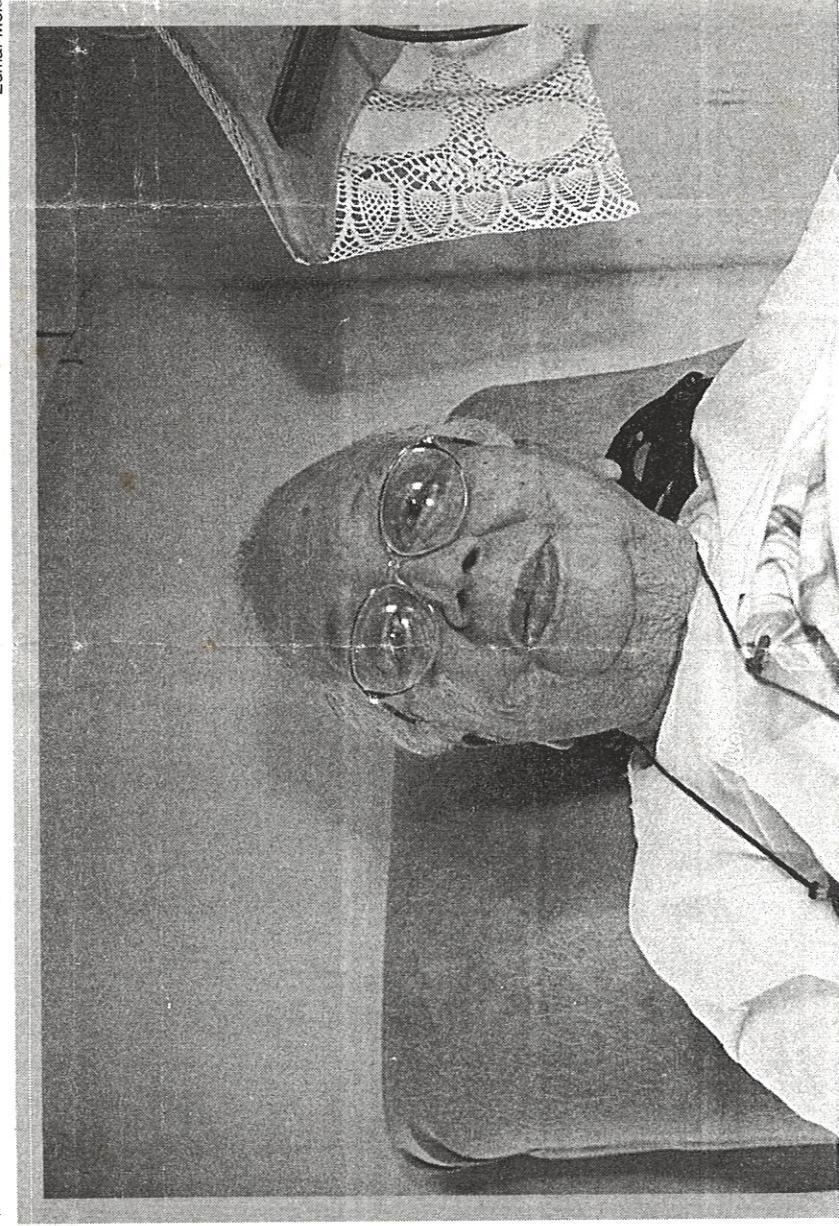
Lygia Conceição Alves, 97 anos, foi a primeira mulher a se formar na área

Edmar Melo

Elieser Cesar

obstinação de quem sempre viu derrubando obstáculos para conseguir estudar e exercer a maior virtude de Lygia Conceição é a maior virtude de Lygia Conceição: uma senhora com uma esperança para os 97 anos de vida, que nasceu em 15 de novembro próximo. Nasceu em Salvador em 1904 e descendente de portugueses. Lygia Conceição teve que vencer preconceito racial e de gênero numa Bahia machista e promover a abertura de espaços para a mulher. Seguiu seus objetivos e se tornou arquiteta baiana, embora já exercido a profissão.

Formou-se na primeira turma da Escola de Arquitetura da Bahia, quando a instituição estava no prédio da antiga Escola de Artes, na Baixa dos Sapateiros. Ela não se lembra ao certo dos anos 40 do século passado, mas lembra o nome dos outros dois primeiros arquitetos do estado, Orlando Ramos e Teodomiro Ramos de Queiroz.



a revista *Tico* e as histórias de aventuras de Júlio Verne. Hoje, quase 90 anos depois, a precentenária lê, todos os dias, a *Bíblia*. Católica, visitou Jerusalém, numa excursão à Cidade Santa dos cristãos, em 1995. "Foi uma maravilha! Gosto muito de viajar. Já fui a muitos estados do Brasil, inclusive ao Rio Grande do Sul", relembra. Certo dia, a jovem Lygia Conceição viu uma imagem de Nossa Senhora, copiada em cetim, na Igreja de Santo Antônio da Barra e decidiu que iria aprender pintura. Matriculou-se na Escola de Belas Artes, onde foi aluna de Oséias Santos e Priscilla Silva. Foi o professor Oséias quem a aconselhou a ir para um estabelecimento de ensino superior. Lygia, então, prestou exames para o recém-instalado curso de arquitetura e foi aprovada, ao lado de Orlando Dórea e Teodomiro Ramos de Queiroz.

ANO.
Companhia Padroais

ARQ.
Pioneiros - NCCN

UN. EGC. UFBA
Arquiteta Lúcia Alves

História viva

Primeira arquiteta formada pela Ufba, Lúcia Conceição Alves completou 100 anos

A poltrona usada durante anos continua na sala da casa que já foi ruína, na Travessa do Mário, centro de Salvador. Sua proprietária, Lúcia Conceição Alves, primeira arquiteta formada pela Ufba, em 1932, não pode mais utilizá-la. Aos 100 anos, completados em 15 de novembro do ano passado, não anda nem fala, comunica-se por gestos. Está com depressão e vive com a ajuda de amigos.

Descendente de escravos, Lúcia Conceição teve sua história marcada pelas dificuldades. Aos 7 anos, perdeu a mãe e passou a morar com a madrinha. A amiga e procuradora da arquiteta, Maria das Dores Magalhães, relembra que, quando entrou na universidade, a estudante não tinha sequer o dinheiro da passagem para ir da Barra ao prédio da antiga Escola de Belas Artes, onde funcionava o curso de arquitetura, na Baixa dos Sapateiros. "Ela percorria a pé todo o trajeto. O pouco que ganhava era para comprar livros" recorda.

Aluna de professores notáveis como Presciliano Silva, Francisco da Conceição Menezes, José Alloni e Américo Simas, Lúcia era considerada uma das melhores da turma. Sem contar o fato de ser a única mulher num universo predominantemente masculino.

História de pioneirismo

Antes de ir para a universidade, a arquiteta estudou música, matemática e pintura. Já formada em arquitetura, realizou basicamente projetos de cunho social. Durante 70 anos, trabalhou no Serviço de Águas e Esgotos da Bahia, atual Embasa. Lá, assumiu a função de topógrafa e entrou para a história do órgão como a única mulher a ocupar o cargo. Tempos depois, a paixão pelos bichos somou-se às atividades profissionais. Ela não só levantou a bandeira da ecologia como fundou a Sociedade Protetora dos Animais. Os amigos relembram que era comum ver Lúcia Conceição recolhendo animais abandonados. Em casa, os bichos eram tratados como

integrantes da família. Esse trabalho com a Sociedade Protetora foi desenvolvido até por volta dos 90 anos de idade.

No campo da arquitetura, há quem diga que um de seus maiores orgulhos é a casa em que vive. O projeto transformou as ruínas num local agradável, até hoje visitado por vizinhos e amigos. A ligação com a profissão pode ser conferida em pequenos detalhes espalhados pela casa. Um dos destaques é a placa em que é homenageada pelo Crea-BA, em parceria com o Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas da Bahia (Sinarq). Outra entidade que rendeu homenagens aos anos que Lycia dedicou à arquitetura é a Sociedade e Amigos da Marinha (Soamar), da qual é sócia efetiva. Soma-se a estes a reverência prestada pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil. "Ela foi uma mulher muito atuante, dinâmica e generosa. Sempre ajudava as pessoas", emociona-se Maria das Dores.

O fato é que, ao longo desses 100 anos, Lycia Conceição não acumula apenas prêmios e homenagens. Ela entra para a história da arquitetura e da Bahia como uma mulher à frente de seu tempo. Alguém que conciliou o respeito ao próximo e à sua profissão com o fervor dos apaixonados.

Perfil / Arquiteta número um Lycia Conceição Alves, 97 anos, foi a primeira mulher a se formar na área

Elieser Cesar

Lycia venceu o preconceito para ser a primeira mulher baiana a se formar em arquitetura

A obstinação de quem sempre viveu derrubando obstáculos para conseguir estudar e exercer uma profissão é a maior virtude de Lycia Conceição Alves, uma senhora com uma espantosa lucidez para os 97 anos de vida, que completará em 15 de novembro próximo. Nascida em Salvador em 1904 e descendente de escravos, Lycia Conceição teve que vencer a pobreza, o preconceito racial e de gênero - ser mulher numa Bahia machista e provinciana - para abrir seus espaços na sociedade. Conseguiu seus objetivos e se tornou a primeira arquiteta baiana, embora jamais tenha exercido a profissão.

Lycia se formou na primeira turma da Escola de Arquitetura da Bahia, quando a instituição funcionava no prédio da antiga Escola de Belas Artes, na Baixa dos Sapateiros em Salvador. Ela não se lembra ao certo da data (idos dos anos 40 do século passado), mas recorda o nome dos outros dois colegas de turma, também os primeiros a se formarem em arquitetos no estado, Orlando Dórea e Teodomiro Ramos de Queiroz.

O segredo de uma mulher negra e que, aos 7 anos, ficou órfã da mãe (abandonada pelo marido, com três filhos pequenos), talvez esteja na divisa que a arquiteta número um escolheu para si própria: "perseverança, sempre". "Quando eu quero uma coisa vou até o fim. A pessoa tem que perseguir, com ferrenha obstinação, os seus objetivos. Somente quem luta sai vitorioso", ensina, de sua casa, na Travessa Mário, no Politeama de Cima, no centro da cidade, onde vive cercada do respeito e do carinho dos vizinhos.

Memória pródiga

Quase centenária, Lycia Conceição se arrepende de não ter feito uma coisa: aprender a nadar. "Se tivesse nadado a vida inteira, não estaria fazendo fisioterapia para as dores nas pernas", lamenta, na única queixa que se ouve dela, seguida da justificativa "mas isso é da velhice!". Além da surpreendente lucidez, a primeira arquiteta da Bahia tem uma memória prodigiosa.

Ela lembra, com detalhes de amigos e vizinhos do início do século XX. "Nasci num lugar em que só morava gente pobre e que hoje é uma área nobre: a Baixa do Canela. Lá morava também o professor Marcelino, um homem instruído, cujo pai vendia carvão. Havia também João Galeano que, em 1912, formou duas filhas em professora", recorda. De sua primeira infância ficou também a lembrança do Natal de 1911, "quando a família Wagner, descendente de alemães, mandou importar uma árvore de Natal e a instalou na Vitória". "Queria tanto encontrar um descendente dos Wagner", deseja a arquiteta.

Muito antes da luta do Movimento Negro organizado para resgatar a auto-estima dos afrodescendentes, Lycia Conceição já manifestava orgulho pela sua cor. "Minha raça é de descendentes de escravos do Barão do Rio Vermelho. Todos os escravos dele sabiam ler e

escrever. Tinha um escravo, Artur Virgílio da Cunha, artesão e empalhador de cadeiras, que trabalhou muito, juntou dinheiro e comprou a carta de alforria da escrava com quem se casou", conta a arquiteta.

Três solteironas

Quem a ensinou a ler e escrever foi a mãe dela, Zilma, que trabalhava na casa de um barão alemão chamado Julius - "até a II Guerra Mundial havia muitos germânicos na Bahia". Quando a mãe morreu, a pequena Lycia foi criada por três solteironas da família Teixeira Barros. "Uma delas, Maria Amélia era uma boa pianista e chegou até a me dar lições de piano. Outra era bordadeira e a terceira doceira". As prendadas irmãs Teixeira Barros se encarregaram da instrução da pequena órfã. Os dois irmãos da menina foram para a Marinha e chegaram a lutar na I Guerra Mundial.

Na adolescência, Lycia se divertia lendo a revista Tico Tico e as histórias de aventuras de Júlio Verne. Hoje, quase 90 anos depois, a pré-centenária lê, todos os dias, a Bíblia. Católica, visitou Jerusalém, numa excursão à Cidade Santa dos cristãos, em 1995. "Foi uma maravilha! Gosto muito de viajar. Já fui a muitos estados do Brasil, inclusive ao Rio Grande do Sul", relembra. Certo dia, a jovem Lycia Conceição viu uma imagem de Nossa Senhora, copiada em cetim, na Igreja de Santo Antônio da Barra e decidiu que iria aprender pintura. Matriculou-se na Escola de Belas Artes, onde foi aluna de Oséias Santos e Prisciliano Silva. Foi o professor Oséias quem a aconselhou a ir para um estabelecimento de ensino superior. Lycia, então, prestou exames para o recém-instalado curso de arquitetura e foi aprovada, ao lado de Orlando Dórea e Teodomiro Ramos de Queiroz.

Régua e compasso

"Eu saía do Farol da Barra, a pé, para estudar na Baixa dos Sapateiros. Um dia, Domingos Rodrigues de Barros, da linha circular, me viu passar andando e me deu vários passes livres para o bonde. Eu os vendi a colegas com mais recursos, para comprar livros e material escolar. Assim continuei andando", rememora a arquiteta número um. Logo depois de formados, os colegas da primeira turma de arquitetos baianos arranjaram trabalho. Enfrentando o preconceito,

Lycia Conceição teve que esperar 11 anos para arrumar emprego e, para sobreviver, "botava o mundo de cabeça para baixo, ensinando meninos e adultos". O primeiro e único emprego fixo veio fora de sua área, no antigo Departamento de Águas, por onde se aposentou. Até hoje, Lycia guarda a carteira da empresa, datada de 30 de setembro de 1964, onde está escrito: "arquiteta".

"Contratada, fui trabalhar com homens no campo, em Santo Antônio de Jesus. Trabalhei também no bairro de Pernambués, em Salvador, que era uma mata fechada e obrigava a gente a abrir caminho a facção", diferencia a arquiteta. Como as três irmãs Teixeira Barros, Lycia Conceição também não se casou, mas bem que namorou "um pouquinho", como admite. Exemplo para toda uma geração de jovens que buscam uma profissão e o primeiro emprego, Lycia Conceição Alves foi a primeira mulher a quem a Bahia deu régua e compasso.

100 anos da Arquiteta que ama os animais

Legado edificante

Lycia Conceição Alves, 100 anos, foi a primeira arquiteta da Bahia

Todo santo dia, a moça Lycia saía da casa onde vivia com a madrinha, na Barra, subia a ladeira que margeia o mar, atravessava o Corredor da Vitória e seguia andando depressa, cruzando o centro da cidade até chegar à Baixa dos Sapateiros.

Era lá, na Rua 28 de Setembro, que funcionava a antiga Escola de Belas Artes. Era lá que estudava, única entre tantos homens, Lycia Conceição Alves, a primeira mulher a se formar em arquitetura na Bahia.

Não pense o leitor, entretanto, que esse tenha sido seu único mérito. Aos 100 anos, ela sorri um pouco sem graça, como um raro campeão humilde, um pouco sem jeito com a própria genialidade. Aluna de mestres que entrariam para a história, como Presciliano Silva, Francisco da Conceição Menezes, José Alloni e Américo Simas (antes, é claro, de seu nome se transformar em túnel), ela não era só uma estudante benquista e muito respeitada. Diante da supremacia numérica absoluta masculina, respondia com a supremacia intelectual. E não há aqui nada de esnobe ou pedante. Lycia era, pura e

simplesmente, a melhor aluna do curso, nas palavras do professor Cid Teixeira, que acompanhou a visita do Correio da Bahia à casa onde ela hoje vive, no bairro do Politeama, em Salvador. Não havia quem superasse suas notas, não havia aluno mais aplicado e assíduo.

Que ninguém se engane, porém, achando que foi fácil se tornar, no ano de 1932, a primeira mulher a se formar em arquitetura no estado. Que ninguém se engane acreditando ter sido esta sua última conquista. Não se pode dizer, por outro lado, que aquele era apenas o começo, porque o início de tudo aconteceu alguns anos antes, em 15 de novembro de 1904. Quando veio ao mundo, a filha de Maria Magdalena Alves vivia na pobre Baixa do Canela. Ali foi alfabetizada pela mãe, através de manuais de catequese e trechos da Bíblia. Ainda menina, perdeu a mãe e foi morar, como era de costume, com a madrinha, Elisa Cândida Barros, que vivia na Barra.

*Belas artes

A madrinha não se opôs quando soube que a afilhada tinha planos de ingressar na Escola de Belas Artes. "Quer estudar? Vá". A frase, guardada até hoje na memória de Dona Lycia, deixa perceber que, se não se opôs à decisão da jovem, também não se sacrificou para incentivá-la. "Não tinha quem me levasse. Nem dinheiro pra tomar o bonde eu tinha. Sair da Barra a pé não era moleza", recorda a anciã.

Primeiro, ingressou no curso de pintura, depois se transferiu para arquitetura, que antes integrava a Escola de Belas Artes.

No curso, conquistou a admiração, o respeito e, certamente o mais difícil, a amizade dos professores. "Francisco da Conceição Menezes, que ensinava história da arte, era amigo `assim´ da gente. Era um homem ótimo. Quando ele morreu, em 27 de setembro de 59, a cidade parou. O cortejo saiu do Colégio da Bahia (mais conhecido por Colégio Central) até o Campo Santo a pé", revela.

Com o diploma nas mãos, a recém-formada Lycia foi logo aproveitada na faculdade. Era uma espécie de professora não oficial. "Comecei a ensinar e nunca parei de estudar". Mas o mercado de trabalho da conservadora Cidade da Bahia não abria suas portas tão facilmente para sua primeira arquiteta. "Fiquei nove anos esperando emprego",

conta dona Lycia. No fim do túnel da longa espera, havia uma vaga para o Serviço de Águas e Esgotos da Bahia, a atual Embasa. Não era bem um trabalho de arquiteta, ainda que capacidade pra isso não lhe faltasse. "Ou gostasse ou não, foi o que eu achei", fala, resignada. Coragem tinha de sobra, tanto que assumiu a função de topógrafa, numa época em que era a única mulher a trabalhar na empresa. "Fiz trabalhos de campo em Pernambués, onde naquele tempo só tinha mato fechado. Chegávamos lá com facão em punho", diz, com ar desbravador. "Era a única mulher também na Embasa. Eu estava lá quando ela foi fundada e lá fiquei até me aposentar".

*Protetora dos animais

Os 70 anos de trabalho na Embasa não impediram que dona Lycia se dedicasse a outras atividades. Se não pôde exercer, de fato, a profissão de arquiteta, sua energia foi direcionada para outras paixões. Uma delas, talvez a maior, dona Lycia não sabe bem como começou, mas também não imagina sua vida sem ela. "Eles não tinham ninguém, ficavam à toa, então comecei a trabalhar em favor deles". Eles, nesse caso, são cachorros, gatos e outros animais, até mesmo burros de carga, que, andando sem rumo pela cidade, encontraram um porto seguro entre os braços da arquiteta. Primeiro, abrigava-os em sua própria casa. Depois, a coisa tomou proporções que não cabiam na residência projetada por ela mesma, onde a anciã vive até hoje. "As pessoas me procuravam se viam um cachorro doente, um burro de carga perdido e eu tomava alguma providência para ajudá-los". Envolvida na luta em defesa dos animais, ela criou, onde hoje fica o campus de Ondina da Universidade Federal da Bahia (Ufba), o Abrigo São Francisco de Assis que depois de se transformar na Sociedade Protetora dos Animais, atualmente localizada em Camaçari. "O que eu tinha de dinheiro eu botava lá, comprava comida". E não se trata, aí, de um passado tão recente.

"Fiquei lá a minha vida inteira, só saí aos 90 anos", diz dona Lycia.

A paixão pelos animais lhe trouxe outras iniciativas ilustres. "Fui eu que tive a idéia de fazer a bênção dos animais, no dia de São Francisco de Assis, 4 de outubro, na Igreja da Vitória", diz, revelando que, quando conheceu a capela da Vitória, a frente do prédio ainda era voltada para o mar.

Dona Lycia não teve filhos de sangue, nunca carregou no ventre a vida de uma criança, mas teve nas mãos o poder de guiar, com sabedoria maternal, a vida de meninas e meninos que passaram por seu caminho. "Me orgulho de ter encaminhado muita gente". São pessoas como o professor e produtor cultural Marcos Santana, de 36 anos, que viveu durante dois anos sob a proteção da arquiteta. "Aprendi muito com ela", afirma Marcos. Como um filho fiel, até hoje ele visita dona Lycia, impressionado, como todos que a conhecem, com a lucidez com que ela consegue ultrapassar a fronteira dos anos. "Há alguns anos, fizemos uma viagem passando por Portugal, Itália, Jerusalém, e Telaviv. Os guias de turismo ficaram impressionados com o conhecimento de dona Lycia: ela falava com desenvoltura sobre a geografia e a história daqueles locais, além de conhecer detalhes bíblicos", fala a amiga Maria das Dores Magalhães. No último dia 15, dona Lycia completou 100 anos e, diante do exemplo vivo de superação de limites, de quebra de barreiras, é quase impossível resistir à pergunta presa na garganta, ansiosa de tanta curiosidade. Qual o segredo, dona Lycia? Ela ergue olhos vivos e aponta com a mão para a cabeça: "É a cabeça ó, sempre lendo... lia, relia e treslia, sempre gostei de estudar". A resposta soa um pouco simples demais para algo que parece tão cheio de mistério e segredos. Mas, se olharmos de outra maneira, existe algo mais difícil de ser alcançado do que a simplicidade?

Fonte: Correio da Bahia 23/09/2004

Lycia Alves: 100 anos de vitórias e Vitória

01/04/05- 10:05 - Por Renato Ribeiro

D. Lycia: 100 anos de vitórias e Vitória.

Faleceu no último dia 26 de março, aos 100 anos de idade, a Sr^a Lycia Conceição Alves. Nascida e criada em Salvador, e de origem humilde, D. Lycia construiu uma história rica em experiências agradáveis e inesquecíveis. Formada na primeira turma da Escola de Arquitetura, é considerada a primeira arquiteta da Bahia.

Mas qual a relação de D. Lycia com o Esporte Clube Vitória? Para nossa alegria, ela era rubro-negra e, sem dúvida, uma das mais antigas torcedoras do Vitória. Inclusive relatou-me que seu tio de consideração, Cypriano Gomes fora um dos primeiros conselheiros do Leão.

Como fisioterapeuta tive o privilégio de acompanhar D. Lycia por quase dois anos e neste período, dois dias foram marcantes. O primeiro, quando conseguimos andar juntos na área externa de sua residência. A felicidade foi estampada em seu rosto e nas palavras de "precisamos fazer isso mais vezes".

O segundo quando, durante uma sessão, dei-lhe a notícia de mais um triunfo do Vitória, que foi imediatamente seguida por uma marchinha bem antiga de nosso Leão, completada logo depois por "Vitória, Vitória, mostra o seu valor. No campo da luta, tu és o melhor, o teu pavilhão tem feitos de glória...", por parte de D. Lycia.

Sua bondade era do tamanho de Salvador, onde ela foi amparo para muita gente carente que, volta e meia, aparecia de surpresa em sua residência, no bairro do Politeama, para agradecê-la.

Seu amor pelos animais era também uma marca registrada. Ela foi a idealizadora da missa dos animais, realizada todos os anos na Igreja da Vitória. Inclusive, sua residência fica em testamento à Sociedade Protetora dos Animais.

Estamos órfãos de uma das mais antigas torcedoras do nosso querido Leão da Barra, mas de uma coisa temos certeza: ela agora inicia a mais bela de suas viagens, para o lado de Papai do Céu.

Saudações rubro-negras, D. Lycia.